

ARMANDA COSTA
INÊS DUARTE
[COORD.]

NADA NA LINGUAGEM ÍHE É ESTRANHO

H O M

E N A

G E M

∫

I S A

B E L

H U B

F A R

I A .

. M M

X I I

Unidades acentuais proproparoxítonas e grupos clíticos em Português

(2012)

João Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

I. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, voltaremos à questão da necessidade de um nível prosódico intermédio entre a palavra fonológica e o sintagma fonológico, especialmente apto, no caso do português, para a legitimação prosódica da maior parte das combinações 'verbo+clítico(s)'.¹

Para a recolha de evidências a favor de um tal nível específico (como referiremos ao longo do texto, a sua aceitação não é consensualmente partilhada por todas as descrições fonológicas), restringiremos a nossa observação aos constituintes morfossintáticos do português resultantes da combinação apoclítica de uma forma verbal acentuada com um ou mais pronomes pessoais átonos e que apresentam acento fora das respetivas três sílabas finais.

Mais do que a caracterização das propriedades do nível prosódico específico em análise, interessar-nos-á sobretudo a questão da sua justificação, que consideramos anterior a essa mesma caracterização tendo presente que a *motivação* de qualquer nível da hierarquia prosódica constitui uma preocupação fundamental da fonologia prosódica' (cf. Nespor e Vogel, 2007: 3 e ss., 27 e ss.). Tal motivação (i) acha fundamento na identificação de fenómenos, regras ou processos fonológicos que se aplicam só no nível proposto, não encontrando explicação plausível fora dele, e (ii) deve mostrar a não isomorfia dos constituintes prosódicos relativamente aos constituintes de outros níveis da gramática. Em conjunto, (i) e (ii) equivalem a demonstrar a não redundância dos níveis prosódicos propostos.

Na primeira parte do texto, deter-nos-emos sobre alguns conceitos e argumentos fundamentais que explicam a prosodização das palavras acentuadas e não

1. Neste trabalho, servir-nos-emos da designação "fonologia prosódica" para nos referirmos ao quadro teórico fundado e/ou definido principalmente por trabalhos como os de Selkirk (1980; 1984; 1996), Nespor e Vogel (1986; 2007) e Hayes (1989), entre outros.

acentuadas. Na segunda parte, debruçar-nos-emos sobre algumas regularidades fonológicas verificáveis nas combinações verbo \emptyset clítico(s) do português, focando-nos sobretudo no conjunto particular de complexos verbais acentuados fora das suas três sílabas finais, e sobre o modo como tais regularidades individualizam prosodicamente esses casos específicos.

2. A PROSODIZAÇÃO DAS PALAVRAS MORFOLÓGICAS ACENTUADAS E NÃO ACENTUADAS NAS LÍNGUAS FLEXIONAIS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E ALGUNS PROBLEMAS COLOCADOS PELOS CLÍTICOS

Nas línguas flexionais – e, de forma particular, nas línguas românicas – que os admitem, os clíticos apresentam um comportamento linguístico especial em relação a certas particularidades morfológicas, sintáticas e fonológicas. Tratando-se de palavras gramaticais (funcionais) monossilábicas não acentuadas², eles comportam-se, relativamente a certos aspetos, como palavras – isto é, como unidades relativamente independentes no nível morfossintático –, enquanto que, em relação a outros aspetos, ostentam propriedades típicas dos afixos (Kilani-Schoch, 1988: 67 e ss.; Matthews, 1991: 218 e ss.; Spencer, 1991: 350-394; Selkirk, 1996: 187-213; Nespor, 1999: 867 e ss.; Van Oostendorp, 1999: 195-212; Vogel, 1999: 249-267; Vigário, 2003: 127 e ss.; Aronoff e Fudeman, 2005: 35 e ss.; Gori, 2007: 4; Nespor e Vogel, 2007: 145 e ss.).

Nas línguas românicas, as palavras intrinsecamente desprovidas de acento pertencem tipicamente às classes *artigo*, *preposição*, *conjunção* e *pronome*. No caso desta última classe, as formas oblíquas (OD ou OI) do pronome pessoal apresentam, para cada pessoa, uma forma acentuada e uma forma átona (clítica). A evolução, a variação e a distribuição destas formas são objeto de investigação abundante³.

2. Línguas como o italiano e o bikol admitem no entanto clíticos dissilábicos acentuados, o que, segundo Berendsen (1986), os torna clíticos puramente sintáticos.
3. Os clíticos correspondem, com efeito, a um tema muito debatido, quer pela literatura fonológica, quer pela literatura sintática respeitante às línguas que admitem estas “palavras especiais”, como o italiano (Nespor, 1999; Van Oostendorp, 1999; Vogel, 1999; Nespor e Vogel, 2007), o português (Vigário, 1998; 2003; 2007; Bisol, 2004; Gori, 2007), o inglês (Nespor, 1999), o grego (Nespor, 1999; Nespor e Vogel, 2007), o árabe (Ennaji, 2000) e o berbere (Sadiqi, 2000), entre outras (cf. ainda, para outras referências relativas aos clíticos em diversas línguas românicas, os estudos reunidos em Van Riemsdijk (Ed., 1999); v. ainda os capítulos de Gerlach e Grijzenhout (Eds., 2000) para um conjunto mais vasto de línguas, a partir de uma perspetiva eminentemente sintática).

Enquanto palavras morfológicas⁴ desprovidas de acento, os clíticos contribuem, como qualquer sílaba não acentuada, para a formação de unidades acentuais de maior extensão⁵, neste caso através da sua “associação” a palavras lexicais acentuadas (“hospedeiras”).

Assim sendo, torna-se pertinente estabelecer uma primeira divisão das palavras morfológicas de línguas com clíticos em dois grupos: as palavras morfológicas acentuadas – isto é, as palavras fonológicas (ω) – e as palavras morfológicas não acentuadas (os clíticos), que se combinam com as primeiras quer ao nível morfosintático (em constituintes como os sintagmas nominais e verbais, p. ex.), quer ao nível prosódico (em constituintes que discutiremos ao longo do texto).

Uma conclusão que se pode retirar destas observações é que não existe uma coincidência obrigatória entre a palavra morfológica e a palavra fonológica. Num dos primeiros textos da fonologia prosódica, Hayes (1989) afirma que a palavra fonológica “is always at least as large as the grammatical word [...]” (Hayes, 1989: 207). Segundo alguns autores de outras correntes teóricas (Camara Jr., 1970; 1971; Kilani-Schoch, 1988; Mateus *et al.*, 2003: 1065-1066), é possível aceitar, dentro da mesma palavra fonológica, mais do que uma palavra morfológica (precisamente nos casos de combinação “clítico+hospedeiro” ou “hospedeiro+clítico”, descritos como $[PM_{Clit}PM_{\omega}]_{\omega}$ ou $[PM_{\omega}PM_{Clit}]_{\omega}$, por exemplo). Em português ou em italiano, entre outras línguas, certas descrições fonológicas admitem ainda, ao contrário de Hayes (1989), a existência de palavras fonológicas inferiores à palavra morfológica: os “prefixos acentuados” e certos morfemas derivacionais do português (-*zinho*, -*mente*, p. ex.) exemplificam esta situação (Mateus *et al.*, 2003: 1061-1062; Vigário, 2003: 256 e ss.; Bisol, 2004: 64 e ss.)⁶

4. Por palavra morfológica entenderemos aqui qualquer unidade linguística individualizada no léxico da língua, portadora de significado lexical/referencial ou de função gramatical, relativamente amovível dentro da frase, objeto de um e só um processo de flexão no máximo e detentora de categoria lexical.
5. Demonstram-no, p. ex., casos de homofonia como “*é legal/ilegal*”, em que palavras gramaticais não acentuadas como “*e*” têm o mesmo “peso” fonológico (prosódico) que um prefixo derivacional como “*i-*”.
6. A falta de coincidência entre a palavra fonológica e a palavra morfológica e a extensão comparada de uma e de outra têm interpretações distintas dentro do próprio quadro da fonologia prosódica, como salientado por Bisol (2004) na seguinte passagem: “Não existe consenso quanto ao tamanho de uma palavra fonológica. Para Booij (1983), há três possibilidades: igual ao elemento terminal de uma árvore sintática, maior ou menor que ele. Para Nespor & Vogel (1986: 110) só existem duas dimensões: igual ou menor” (Bisol, 2004: 63).

Para uma discussão mais abrangente da noção de palavra fonológica, abrangendo a contextualização histórica do conceito e a equivalência terminológica entre “palavra fonológica” e “palavra prosódica”, cf. o capítulo de Hall (1999).

Como dissemos na introdução, a questão da extensão e da natureza das unidades prosódicas, sendo importante, é antecedida de uma questão mais importante ainda e que a condiciona: a necessidade de postular níveis prosódicos hierárquicos *motivados*, ou seja, que se revelem absolutamente pertinentes para a descrição da língua e que não sejam redundantes relativamente a outros níveis (salvaguardando-se desse modo a economia estrutural da gramática – cf., p. ex., Nespor, 1999: 867 e ss.). Um argumento forte – uma *evidência* – a favor de uma tal motivação reside nos fenômenos fonológicos que tomam os constituintes de cada nível prosódico proposto como domínios de aplicação (Nespor, 1999; Nespor e Vogel, 2007: 27 e ss.). Consequentemente, esses níveis, e só esses, deverão ser objeto de descrição e caracterização posteriores. Neste estudo, como afirmámos, a questão da motivação de um possível nível prosódico especialmente adequado para legitimar as sequências “verbo+clítico(s)” de que nos ocupamos é mais importante do que a sua definição e caracterização.

Para a prosodização das sequências “verbo+clítico(s)”, as duas principais explicações que têm sido propostas, de forma não inteiramente coincidente entre os diversos autores que se debruçam sobre o assunto (cf., a respeito destas disparidades, as observações de Nespor (1999: 867 e ss.), Bisol (2004: 62-63) e Vigário, 2007: 677 e ss.), são as seguintes: 1) tais sequências formam palavras fonológicas (que assim incluiriam recursivamente no seu interior uma outra palavra fonológica); 2) elas corresponderiam a unidades mais extensas do que a palavra fonológica, num nível entre ω e o sintagma fonológico (ϕ) ou, mesmo, ao nível de $\phi^?$.

7. “The most common approach in phonology is to consider clitics either as belonging to the phonological word, in which case they are considered similar to affixes, or as belonging to the phonological phrase, in which case they are considered similar to independent words [...] [I]t will be shown that clitics cannot always be forced into either one of these categories, because their phonological behaviour is often different from that of both affixes and independent words. That is, **there are phonological phenomena that are characteristic only of the group consisting of a word plus clitic(s)**. On the basis of these observations, we conclude that there must be a constituent of prosodic structure that has exactly this extension [...] [:] the clitic group (*C*), first proposed as a constituent of the prosodic hierarchy by Hayes [...]” (Nespor e Vogel, 1986: 145; **negrito nosso**).

“Uma das questões mais discutidas na prosódia é o estatuto do grupo constituído de uma palavra com acento e outra ou outras sem acento que estão prosodicamente relacionadas. Para Nespor and [sic] Vogel (1986), o grupo clítico, assim o chamam, é o domínio prosódico subsequente à palavra fonológica. Para outros fonólogos, entre os quais Selkirk (1984), Peperkamp (1997) e Vigário (2001 [=2003]), esse domínio não se sustenta. A prosodização do clítico no nível da palavra, o que corresponderia à visão de Mattoso, ou no nível subsequente da escala prosódica, proposta de Nespor and [sic] Vogel, ou ainda no nível da frase, vem produzindo interessantes artigos, mostrando que, quanto aos clíticos, da mesma forma que quanto aos compostos, as línguas particulares têm de ser ouvidas, pois há comportamentos diversificados” (Bisol, 2004: 62-63).

A primeira interpretação (“verbo+clítico(s)”=palavra prosódica) é bastante corrente entre autores não pertencentes ao quadro teórico da fonologia prosódica. Tal explicação encontra-se, p. ex., em descrições recentes da gramática do português como Mateus *et al.* (2003), quando inequivocamente se afirma que “[...] a sequência formada pelo verbo e os pronomes enclíticos [...] é estruturada prosodicamente numa única palavra prosódica [...]” (Mateus *et al.*, 2003: 1065)⁸.

Uma das primeiras descrições gramaticais onde se subscreve esta mesma interpretação para o português encontra-se em Camara Jr. (1970; 1971). Partindo de uma tipologia das unidades morfossintáticas da língua que admite três tipos de formas – as formas livres e as formas presas de Bloomfield (1933: 160) e, além destas, as *formas dependentes*, correspondentes precisamente aos clíticos (Camara Jr., 1970: 70; 1971: 37) –, o autor classifica as combinações “forma livre+forma(s) dependente(s)” como palavras fonológicas (Camara Jr., 1970: 62-76; 1971: 34-39), o que estaria de acordo com a conceção desta unidade apresentada por Hayes (1989; vd. citação supra)⁹.

Com base nesta explicação, poderíamos propor para os exemplos seguintes a análise que apresentamos em (1)¹⁰.

- (1) Interpretação das sequências ‘clítico(s)+palavra lexical acentuada’ como palavras fonológicas

a mala:

$$[[a]_{PM_Clit}[MAla]_{PM_w}]_w$$

amá-la:

$$[[aMA(r)]_{PM_w}[la]_{PM_Clit}]_w$$

8. Exemplos das autoras: [faltam-te]_w, [diz-me]_w, [bebe-o]_w, [cante-a]_w (Mateus *et al.*, 2003: 1065).

9. Cf. Bisol (2004) para uma comparação entre as unidades prosódicas descritas por Camara Jr. (1970; 1971) no quadro estruturalista e as que são apresentadas pela fonologia prosódica, nas diversas explicações oferecidas por este quadro.

10. Estas análises estão de acordo com propostas idênticas apresentadas por Mateus *et al.* (2003: 1065) e exemplificadas na nota 8.

Para línguas como o francês, e novamente em quadros teóricos diferentes do da fonologia prosódica, encontramos interpretações coincidentes com esta, p. ex., em Kilani-Schoch (1988: 67), como se torna patente na seguinte citação: “Avec cette unité adjacente les clitiqes composent [...] un mot phonologique: *il arrive, je te le rends* sont des mots phonologiques à proclitique(s) + verbe. Ceci signifie qu’en général ils ne reçoivent pas d’accent propre. [...]” (Kilani-Schoch, 1988: 67; negrito nosso).

No quadro teórico da fonologia prosódica, uma análise como a apresentada em (1) tornar-se-ia, em princípio, inaceitável, por duas razões estreitamente relacionadas entre si:

- 1) de acordo com alguns dos argumentos teóricos fundamentais da teoria, as unidades e estruturas prosódicas não são recursivas (Nespor e Vogel, 2007: 2), pelo que uma unidade X não admite no seu interior outros elementos X ;
- 2) por outro lado, todas as unidades de um nível prosódico n são exaustivamente reagrupadas no nível prosódico $n+1$; por conseguinte, este legitima prosodicamente todas as unidades do nível n , não admitindo no seu interior senão unidades deste último. Esta regularidade corresponde a um postulado central da teoria, a Hipótese do Nível Restrito (SLH – *Strict Layer Hypothesis*, de acordo com Selkirk, 1984: 26-27).

Dado que a não recursividade e a SLH impedem que ω seja prosodizado dentro de um outro ω (invalidando, no quadro da fonologia prosódica, a interpretação prosódica de (1), inspirada em Camara Jr. (1970: 62-76; 1971: 34-39) e identificada também em Mateus *et al.*, 2003), torna-se necessária uma explicação mais robusta da prosodização dos clíticos no quadro da sua combinação com os respetivos hospedeiros. Este é, como já foi referido, um tópico de discussão muito desenvolvido no quadro da fonologia prosódica¹¹.

No âmbito de tal discussão e da concomitante busca de uma explicação para a integração prosódica das unidades acentuais 'palavra lexical acentuada+clítico(s)' sem violação da não recursividade e da SLH, têm sido propostos no âmbito da fonologia prosódica constituintes diversos: o *grupo clítico* (Hayes, 1989; Nespor e Vogel, 1986; 2007; Nespor, 1999; Vogel, 1999), a *palavra prosódica composta* (Vigário, 2003) ou o *grupo de palavra prosódica* (Vigário, 2007).

Vamos concentrar-nos, no desenvolvimento da nossa exposição, no primeiro desses constituintes, o grupo clítico, que, como tentaremos fazer ver, se apresenta como o nível adequado para a prosodização da maior parte destas combinações morfossintáticas em português¹².

11. Vd., p. ex., as citações reunidas na nota 7.

12. Com efeito, os níveis *palavra prosódica composta* e *grupo de palavra prosódica*, defendidos para o português por Vigário (2003; 2007), não são postulados especificamente para os complexos morfossintáticos proparoxítonos de que nos ocupamos exclusivamente neste estudo. A autora identifica para a sua motivação outros fenómenos típicos do português: os prefixos acentuados ($[[[PRÓ]_{\omega} [comuNISTa]_{\omega}]]$), já referidos neste trabalho, e os complexos verbais formados por mesóclise, em que há a conservação de

Segundo Hayes (1989), este constituinte prosódico, que Nespor e Vogel (1986; 2007) irão incluir na escala prosódica entre a palavra fonológica e o sintagma fonológico, define-se como “[...] a single content word together with all contiguous grammatical words in the same syntactic constituent” (Hayes, 1989: 207)¹³.

Diversos fenómenos fonológicos numa grande diversidade de línguas foram estudados e apresentados como evidência para a motivação de C (Nespor e Vogel (1986: 145 e ss.), entre outros). Os complexos formados por um verbo e um pronome pessoal átono em italiano, de acordo com a interpretação de que são objeto em Vogel (1999), exemplificam bem esse tipo de evidências. Por um lado, os pronomes clíticos desta língua comportam-se como palavras fonológicas independentes. P. ex., nunca sofrem o vozeamento de /s/ intervocálico – “*affita[s]i*” ‘aluga-se’ – que se verifica no interior da palavra fonológica (em exemplos como “*i[z]ola*” ‘ilha’, “*ca[z]a*” ‘casa’), o que poderia justificar a legitimação prosódica da sequência ‘verbo+clítico’ como um sintagma fonológico de tipo $[\omega\omega]_{\phi}$. Por outro lado, porém, estes clíticos demonstram um comportamento especial no que diz respeito ao *troncamento* (apagamento, facultativo ou não, da vogal átona final depois de consoante soante e antes de palavra iniciada por consoante – “*far(e) bene*” ‘fazer bem’). Este apagamento pode dar-se ou não em italiano quando um infinitivo precede um clítico iniciado por consoante: quando o verbo e o clítico formam uma só unidade fonológica superior a ω , esse apagamento é obrigatório (*andare+ci*=[*andarci*]_C ~ **[andareci]*_C ‘ir lá/embora’); quando ambos são repartidos por constituintes diferentes de nível ω ou superior, o *troncamento* torna-se facultativo (*[sciver(e)]_{\omega}[gli indirizzi]*_C ‘escrever as moradas’) (Nespor, 1999: 868-871). Segundo a autora, este fenómeno constitui uma evidência do carácter especial da relação prosódica entre o verbo e o clítico à sua direita, a qual não pode ser explicada fora do âmbito do grupo clítico proposto por Hayes (1989): “it can be accounted for if we accept the existence of the clitic group: *troncamento* is then obligatory within C and optional across C’s. If we do not have this category, the application of *troncamento* cannot be accounted for.” (Nespor, 1999: 870-871).

dois acentos ([[*levanTAR*]_{\omega}[[*te*][*ÁS*]]_{\omega}]). Relativamente à mesóclise, ela constitui, quanto a nós, um interessante campo de observação sobre o comportamento específico e exclusivo das combinações ‘verbo+clítico’ em português. Porém, distingue-se dos casos de acento proparoxítono que aqui nos ocupam; dado que a aceção de grupo clítico encontrada em autores como Hayes (1989) e Nespor e Vogel (1986; 2007) parece excluir a possibilidade de dois acentos no interior de C, este constituinte revela-se, efetivamente, inadequado para explicar convenientemente a prosodização das construções mesoclíticas, tal como defendido por Vigário (2003; 2007).

13. Vd. ainda a citação de Nespor e Vogel (1986) transcrita na nota 7.

Em conformidade com esta definição, o autor identifica na frase do inglês “*he kept it in a large jar*” três grupos clíticos: [*he kept it*]_C [*in a large*]_C [*jar*]_C (Hayes, 1989: 208).

Se a exigência da não recursividade das unidades prosódicas parece suficientemente respeitada pelo grupo clítico conforme o exposto anteriormente, fica por explicar, todavia, de que forma os clíticos, que não são palavras prosódicas, se podem integrar no nível imediatamente superior a ω e ao mesmo tempo que as palavras fonológicas. Esta prosodização viola aparentemente a SLH, que impõe que só (e só) as unidades de um nível x sejam prosodicamente legitimadas no nível $x+1$ seguinte. Ora, se C é o nível imediatamente superior a ω , só as unidades ω se poderiam integrar imediatamente em C . Dado que os clíticos não têm o estatuto de palavras prosódicas, como explicar que eles se integrem diretamente em C , aparentemente com o mesmo estatuto fonológico das palavras fonológicas com as quais irão partilhar esse constituinte?

Esta questão é discutida, p. ex., em Van Oostendorp (1999) e Vogel (1999). Para resolver este problema em italiano, Vogel (1999), rejeitando a possibilidade de atribuir o estatuto de ω aos clíticos, propõe o “enfraquecimento mínimo” da SLH. Este enfraquecimento atribui aos clíticos – apresentados como “unidades submínimas” – a capacidade excepcional de se integrarem num nível prosódico onde só as unidades de um nível diferente (as palavras fonológicas) se deveriam incluir¹⁴, permitindo a prosodização direta dos pronomes clíticos monossilábicos no nível do grupo clítico. Por outras palavras, os clíticos constituiriam uma exceção e o grupo clítico serviria para acolher diretamente no seu interior uma palavra fonológica (isto é, uma palavra morfológica acentuada) e o(s) clítico(s) de que essa palavra é o hospedeiro prosódico.

3. DADOS DO PORTUGUÊS: UNIDADES ACENTUAIS PROPRÓPAROXÍTONAS

A palavra fonológica em português escolhe uma das suas sílabas como a mais proeminente. No conjunto formado pelos nomes e pelos verbos, a escolha da sílaba acentuada depende das propriedades morfológicas e da estrutura interna das formas nominais e verbais (Mateus e D’Andrade, 2000: 103 e ss.; Mateus et

14. “In the present analysis, it has been argued [...] that the Strict Layer Hypothesis needs to be minimally weakened in order to permit attaching of the syllables in question [clitics and other morphological units not respecting the word minimality conditions] directly into Phonological Words or Clitic Groups. [...] given that clitics are the largest structures that we would expect not to meet foot and word minimality requirements, it may turn out that the Clitic Group is the uppermost constituent into which subminimal constituents will ever be parsed.” (Vogel, 1999: 266).

al., 2003: 1050 e ss.). A janela de atribuição do acento, porém, reduz-se sempre às três sílabas finais da palavra fonológica – ou seja, uma forma nominal ou verbal em português não pode ser acentuada para além da terceira sílaba a contar do seu limite direito. Como tal, as palavras fonológicas proparoxítonas¹⁵ são inexistentes em português, podendo esta restrição ser formalizada como em (2).

- (2) Inexistência de palavras fonológicas proparoxítonas em português
Português: *[[$(\sigma \dots) \sigma$]’ $\sigma \sigma \sigma$]_ω

Contudo, certos complexos ‘verbo+clítico(s)’ em português colocam o acento na quarta ou na quinta sílaba a partir do seu limite direito, como o demonstram os exemplos de (3). Isto verifica-se, de forma muito regular, nos casos de apóclise em que uma forma verbal paroxítona precede dois clíticos ({verbo_paroxítono \emptyset PP_Clítico_OI \emptyset PP_Clítico_OD}), normalmente) ou quando há concatenação linear de uma forma proparoxítona com um clítico ({verbo_proparoxítono \emptyset PP_Clítico}). Em casos menos frequentes, uma forma proparoxítona pode preceder também dois clíticos, o que atribui acento à quinta sílaba a partir do limite direito do complexo verbal ({verbo_proparoxítono \emptyset PP_Clítico_OI \emptyset PP_Clítico_OD}).

- (3) Grupos acentuais proparoxítonos em português
{verbo_paroxítono \emptyset PP_Clítico_OI \emptyset PP_Clítico_OD}
deram-no-lo = [DE.ram.no(s).lo]
{verbo_proparoxítono \emptyset PP_Clítico}
tínhamo-lo = [TI.nha.mo(s).lo]
{verbo_proparoxítono \emptyset PP_Clítico_OI \emptyset PP_Clítico_OD}
contáramo-vo-lo = [con.TA.ra.mo(s).vo(s).lo]

Este fenómeno de “criação de proparoxítonos” é exclusivo de combinações ‘verbo+clítico(s)’ como os exemplificados em (3). Com efeito, uma sequência de tipo [$\sigma \sigma \sigma$ ’ $\sigma \sigma \sigma$]_{ConstituinteProsódico} ou [$\sigma \sigma \sigma$ ’ $\sigma \sigma \sigma \sigma$]_{ConstituinteProsódico} seria sempre agramatical em português fora deste contexto morfossintático e prosódico (nomeadamente, dentro de uma mesma palavra fonológica – v. (2)). Em nosso entender, este dado demonstra a especificidade prosódica deste tipo de complexos morfossintáticos. Se relacionarmos estas particularidades com a definição

15. Por *proparoxítono*, entendemos sempre neste trabalho as palavras/grupos acentuais com acento para lá da terceira sílaba a contar do seu limite direito.

do grupo clítico subscrita por Hayes (1989: 207) – “[...] a single content word together with all contiguous grammatical words in the same syntactic constituent” – e se aceitarmos uma restrição como a que apresentamos em (4) como válida para o português, poderemos defender a análise dos exemplos de (3) que é proposta em (5).

- (4) Inexistência de ω proproparoxítona vs. Existência de C proproparoxítono em português

Português: *[[$(\sigma \dots)\sigma$]’ $\sigma \sigma \sigma$] $_{\omega}$; [[$(\sigma \dots)\sigma$]’ $\sigma \sigma \sigma$] $_C$

- (5) Grupos clíticos proproparoxítonos em português

deram-no-lo = [[DE.ram.] $_{\omega}$ [no.] $_{\text{Clit}}$ [lo.] $_{\text{Clit}}$] $_C$

tínhamo-lo = [[TI.nha.mo.] $_{\omega}$ [lo.] $_{\text{Clit}}$] $_C$

contáramo-vo-lo = [[con.TA.ra.mo.] $_{\omega}$ [vo.] $_{\text{Clit}}$ [lo.] $_{\text{Clit}}$] $_C$

Quanto à questão específica da prosodização dos clíticos ocorrentes no interior de C apresentada em (5), adotamos a explicação proposta por Vogel (1999) para os clíticos do italiano que referimos anteriormente: eles inserem-se diretamente em C enquanto unidades submínimas sem necessidade de corresponderem ou de se integrarem num nível intermédio, o que se torna possível no âmbito do “enfraquecimento mínimo” da SLH defendido também por Vogel (1999)¹⁶.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Na análise dos exemplos do português que apresentámos nos parágrafos precedentes, o nosso objetivo principal consistiu em procurar evidências de fenómenos fonológicos exclusivos das unidades acentuais formadas pelas combinações ‘forma verbal acentuada+clítico(s)’ que demonstrassem a relevância – a motivação – de um constituinte diferenciado para a sua prosodização.

A inexistência em português de palavras morfológicas acentuadas para além da terceira sílaba a partir do seu limite direito contrasta claramente com os dados discutidos na secção 3, relativos à combinação apoclítica de uma forma verbal acentuada com um ou mais clíticos para formar uma unidade acentual que

16. Vd. citação na nota 14.

admite a possibilidade de acento proparoxítono¹⁷. De acordo com a nossa posição, neste facto podemos encontrar uma evidência (entre outras, que não foram contempladas pelo presente estudo) do comportamento prosódico diferenciado dos constituintes morfossintáticos 'verbo+clítico(s)', o que sustenta justamente a necessidade de um correspondente constituinte autónomo na hierarquia prosódica.

A definição de grupo clítico apresentada por Hayes (1989) parece-nos suficiente e adequada para este tipo de estruturas do português, tendo em vista as suas propriedades morfossintáticas e prosódicas (acentuais) conforme discutidas neste trabalho.

Concluimos portanto pela defesa da pertinência do grupo clítico como a unidade prosódica que, em português, legitima as combinações 'verbo+clítico(s)' não mesoclíticas¹⁸, permitindo nomeadamente a acentuação proparoxítona admitida neste conjunto de formas mas agramatical nos níveis prosódicos inferiores a C.

ω = palavra fonológica	C = grupo clítico
∅ = precedência imediata	Clit = clítico
Φ = sintagma fonológico	PM = palavra morfológica
(σ...)σ ' = uma sílaba acentuada no conjunto delimitado por	OD = objeto direto
* = Agramatical(idade)	OI = objeto indireto
	PP = pronome pessoal
	SLH = Strict Layer Hypothesis (Selkirk, 1984)
	σ = sílaba não acentuada
	σ' = sílaba acentuada
	. = fronteira de sílaba

NB - Nas análises propostas, as maiúsculas indicam sílaba acentuada: [DE.ram.no.lo].

LEGENDA DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E CONVENÇÕES SEGUIDAS NO TEXTO

17. Nem todos os complexos 'verbo (acentuado)+clítico' são proparoxítonos em português. Porém, a possibilidade de acento proparoxítono é inexistente fora desta combinação morfossintática – nomeadamente ao nível da palavra fonológica (acentuada) não combinada com qualquer clítico. É nesta implicação que identificamos uma evidência clara para a categorização prosódica à parte de *todas* as combinações 'verbo (acentuado)+clítico' (proparoxítonas ou não) num domínio prosódico específico, que aqui identificamos, pelas razões expostas, com o grupo clítico. Por razões que foram igualmente referidas em passagens anteriores do texto, esta explicação não se aplica, conforme aqui repetimos, às construções mesoclíticas (vd. ainda a nota 18).
18. Para os complexos verbais mesoclíticos – portadores de dois acentos –, outras explicações, contemplando outros constituintes prosódicos, parecem revelar-se mais produtivas, tais como a sua integração em níveis mais complexos, como a palavra prosódica composta (Vigário, 2003) e o grupo de palavra prosódica (Vigário, 2007), conforme foi referido anteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M. e FUEDEMAN, K. (2005). *What is morphology?* Malden MA: Blackwell.
- BERENDESEN, E. (1986). *The phonology of cliticization*. Utrecht: Utrecht University [PhD Dissertation]. Citado por Nespor (1999: 875).
- BISOL, L. (2004). Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA*, 20, pp. 59-70.
- BLOOMFIELD, L. (1933). *Language*. Chicago: The University of Chicago Press.
- BOOIJ, G. (1983). Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics*, 21, 1983, pp. 249-280. Citado por Bisol (2004: 63).
- CAMARA JR., J. M. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes [19ª ed., 1989].
- (1971). *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes [13ª ed., 1988].
- ENNAJI, M. (2000). Aspects of cliticization in Arabic. In M. Ennaji M. (Ed.). *La variation linguistique: des faits aux théories*, Fès: Université Sidi Mohamed Ben Abdellah/ Faculté des lettres et des sciences humaines, pp. 98-118.
- GERLACH, B. e GRIJZENHOUT, J. (Eds.). (2000). *Clitics in phonology: morphology and syntax*. Amsterdam: John Benjamins.
- GORI, B. (2007). *La grammatica dei clitici portoghesi*. Firenze: Firenze University Press.
- HALL, T. A. (1999). The phonological word: a review. In T. A. Hall e U. Kleinhenz (Eds.). *Studies on the phonological word*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 1-22.
- HAYES, B. (1989). The prosodic hierarchy in meter. In P. Kiparsky e G. Youmans (Eds.). *Rhythm and meter*, Orlando FL: Academic Press, pp. 201-260.
- KILANI-SCHOCH, M. (1988). *Introduction à la morphologie naturelle*. Berne: Peter Lang.
- MATEUS, M. H. e D'ANDRADE, E. (2000). *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- MATEUS, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- MATTHEWS, P. H. (1991). *Morphology*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- NESPOR, M. (1999). The phonology of clitic groups. In H. Van Riemsdijk (Ed.). *Clitics in the languages of Europe*, Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 865-887.
- NESPOR, M. e VOGEL, I. (1986). *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris.
- (2007). *Prosodic phonology. With a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- PEPERKAMP, S. (1997). *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics. Citado por Bisol (2004: 62-63).
- SADIQI, F. (2000). Issues in Berber cliticization. In M. Ennaji (Ed.). *La variation linguistique: des faits aux théories*, Fès: Université Sidi Mohamed Ben Abdellah/ Faculté des lettres et des sciences humaines, pp. 119-151.
- SELKIRK, E. O. (1980). *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington IN: Indiana University Linguistics Club.

- (1984). *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge MA: The MIT Press.
- (1996). The prosodic structure of function words. In J. L. Morgan e K. Demuth (Eds.). *Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*, Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 187-213.
- SPENCER, A. (1991). *Morphological theory. An introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Blackwell.
- VAN OOSTENDORP, M. (1999). Italian s-voicing and the structure of the phonological word. In S. J. Hannahs e M. Davenport (Eds.). *Issues in phonological structure*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 195-212.
- VAN RIEMSDIJK, H. (Ed.). (1999). *Clitics in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- VIGÁRIO, M. (1998). Elisão da vogal não-recuada final e a palavra prosódica no português europeu. *XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Actas*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 359-376.
- (2003). *The prosodic word in Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- (2007). O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 673-688.
- VOGEL, I. (1999). Subminimal constituents in prosodic phonology. In S. J. Hannahs e M. Davenport (Eds.). *Issues in phonological structure*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 249-267.



